

Conjuntura

PIB mostra recuperação, mas enchente terá impacto

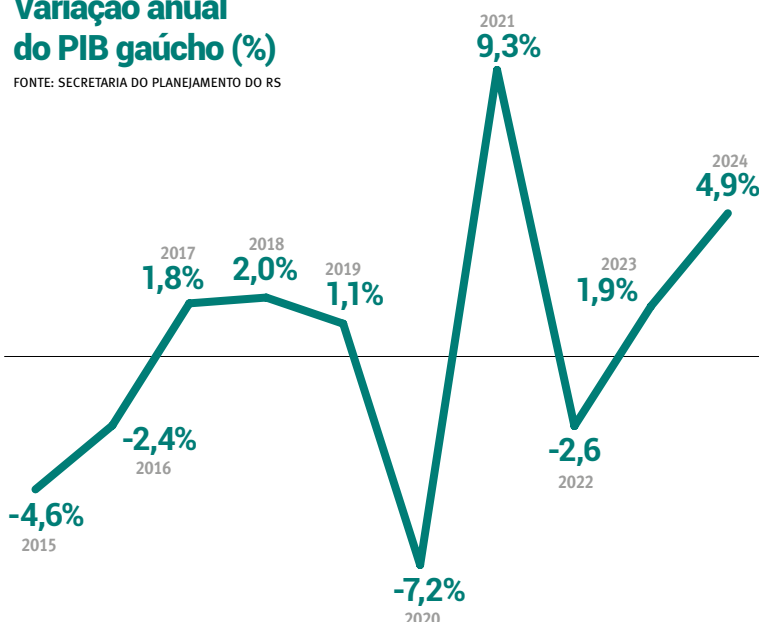
Departamento de Economia e Estatística observa que consequências como perdas e suspensão de operações terão efeito a médio e longo prazos

O ano de 2024 foi marcado pela maior catástrofe climática do RS. No mês de maio, enchentes afetaram 471 das 497 cidades gaúchas e, consequentemente, suas economias. Apesar disso, o Produto Interno Bruto (PIB) do RS apresentou um aumento de 4,9% em relação ao de 2023, somando R\$ 706,81 bilhões. O número mostra recuperação do Rio Grande do Sul, mas, de qualquer forma, causa surpresa, considerando as perdas bilionárias em solo gaúcho. Há uma explicação, de acordo com a equipe do Departamento de Economia e Estatística do Estado (DEE-RS): o PIB mede o fluxo de produção, e não capta de forma imediata impactos nas perdas de estoque de capital.

Para o diretor do DEE-RS, o estatístico Pedro Zuanazzi, o PIB não é capaz de medir o estoque perdido. “Um exemplo corriqueiro é de quem teve a casa destruída pela enchente e reconstruiu, seja por auxílio do governo, pegando créditos ou até mesmo se endividando. Isso para o PIB pode até ser positivo, porque aquele valor vai estar entrando no PIB, já que é uma construção nova, que está gerando um novo valor. Mas o

Variação anual do PIB gaúcho (%)

FONTE: SECRETARIA DO PLANEJAMENTO DO RS



estoque do que foi perdido não é reduzido do PIB. Então, às vezes, pode dar uma falsa sensação de que está tudo bem”, analisa.

Os valores positivos de 2024 se devem muito ao agronegócio. A perda de estoque, nesse caso, também deve gerar impactos a longo prazo. “Houve muita perda de fertilidade do solo, a água passava e levava embora aquela camada superficial e vários nutrientes. Isso vai diminuir o rendimento médio das produções ou o produtor vai ter que investir mais para repor a fertilidade. E esse é o típico efeito que a gente não vê no ano, mas que vai aparecer nos próximos períodos”, avalia o economista do DEE-RS Martinho Lazzari.

Tanto Zuanazzi quanto Lazzari

concordam que não é possível estipular por quanto tempo as consequências da enchente na economia poderão ser sentidas.

Afinal, haverá dois diferentes impactos que conflitam entre si: o positivo, proporcionado pela injeção de aportes e recursos voltados à retomada econômica e à resiliência; e o negativo, gerado pela perda de estoques de capital.

O impacto positivo da reconstrução pode ser, de certa forma, estimado pelo calendário do Fundo do Plano Rio Grande (Funrigs), mas há ainda outros projetos de reconstrução e resiliência que geram impactos indiretos na economia. Por sua vez, os impactos negativos são ainda mais difíceis de avaliar, segundo os pesquisadores.

Expansão da soja movimentará economia da Região Central

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

Enquanto o Produto Interno Bruto (PIB) gaúcho é divulgado trimestralmente, os dados municipais são informados com defasagem de alguns anos. O mais recente recorte municipal do PIB é com os dados de 2021. Uma revisão da metodologia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) atrasou a divulgação dos números de 2022, que será apresentada no final deste ano. Mesmo assim, é possível avaliar tendências regionais.

Entre as macrorregiões analisadas pelo Mapa Econômico do RS, a formada pelas Regiões Central, Jacuí Centro e dos Vales é a com o menor Produto Interno Bruto (PIB), segundo os dados mais atualizados, de 2021. Entretanto, é a que mais cresce proporcionalmente em comparação com as demais. E, nesse sentido, a produção agrícola pode colaborar.

Afinal, conforme aponta o Departamento de Economia e Estatística (DEE-RS), é possível ver, ainda, uma expansão da produção de soja para municípios como Santiago, no Vale do Jaguari, e Santa Maria, na Região Central. Isso agregou valor à agropecuária da região, podendo trazer recursos para essa porção do Estado. Apesar disso, a geração de serviços e indústrias associadas ao aumento da produção agrícola ainda não deslançou nestes locais.

O agronegócio já é um dos impulsionadores do PIB estadual. No primeiro trimestre de

2025, por exemplo, foi o que manteve o índice em alta, tendo crescido 1,3% em relação aos três meses anteriores. Afinal, sem o impacto de eventos climáticos extremos, o período de janeiro a março registrou um aumento de 27,3% na agropecuária.

E, no segundo trimestre de 2025, embora os números oficiais ainda não tenham sido divulgados pelo DEE-RS, deve ser a soja a responsável por uma possível variação negativa devido à estiagem registrada no período. “A soja é muito poderosa, afeta bastante o PIB do segundo trimestre, então a gente vai ter que acompanhar”, explicou o economista do órgão Martinho Lazzari.

O produto é também bastante presente na Região Norte do RS, que é a que mais tem crescido nos últimos tempos e ampliou sua participação no PIB gaúcho nos últimos 20 anos. Lá, os grãos passaram a ser não apenas vendidos como commodity para exportação, mas, também, industrializados.

“Tem a produção de soja, a indústria de máquinas agrícolas que ficam por ali, tem Passo Fundo, que é uma economia de serviços para atender as pessoas de lá e agora tem a questão dos biocombustíveis, inclusive aqueles que usam cereais de inverno que sofrem relativamente menos com o clima, sofrendo menos variações que a soja. É uma região que tem recebido esses investimentos também”, comenta o economista da DEE Martinho Lazzari sobre o alto desenvolvimento regional.



**TÁ NA VIDA,
TÁ NO SUPER,
TÁ NA EXPOAGAS.**

19 A 21 DE AGOSTO
CENTRO DE EVENTOS FIERGS
PORTO ALEGRE
INSCRIÇÕES WWW.AGAS.COM.BR

PATROCÍNIO GLOBAL



COPATROCÍNIO



REALIZAÇÃO

